

Aqui sòmente ampara-me esse vago
Pressentimento de uma nova aurora,
Quando terei os bens, o brando afago
Da Luz, que está na dor depuradora.

Agora, sim! depois de tantos anos
De tormentos, em meio aos desenganos,
Espero o sol de novas alvoradas

De existências de pranto e de miséria,
Para beber no cálix da matéria
As essências das dores renegadas!

Rimas de outro mundo



BELMIRO BRAGA

Nasceu a 7 de Janeiro de 1870, em Juiz de Fora, Minas, e aí desencarnou em 1937. Iniciou-se na vida comercial e foi, depois, notário público. Poeta, comediógrafo e jornalista nato. Popularizou-se, sobretudo, pela singeleza e espontaneidade da sua musa. Era membro de realce da Academia Mineira de Letras, da qual foi um dos fundadores. Chamaram-lhe — "Rouxinol Mineiro".

I

Ceguei feliz ao meu porto,
Estou mais moço e mais forte,
Encontrei paz e conforto
Na vida, depois da morte.
Eis as rimas de outro norte,
Que escreve o poeta morto.

II

Com a ignorância proterva,
Que a morte é o fim, o homem pensa,
Julgando no talo de erva
A paisagem linda e imensa.
Ah! feliz o que conserva
As luzes doces da crença.

III

Quanta gente corre, corre,
Ansiosa atrás do prazer,
Sonha e chora, luta e morre
Sem jamais o conhecer.
Não há ninguém que se forre,
Sobre a Terra, ao padecer.

IV

Fecha a bolsa da ambição,
Não corras atrás da sorte,
Venera a mão que te exorte
Nos dias de provação.
Tem coragem, meu irmão,
Ninguém se acaba com a morte.

V

No mundo vale quem tem
Um cifrão de prata ou de ouro;
Mas, da morte ao sorvedouro,
Jamais escapa ninguém!
No Céu só vale o tesouro
Daquele que fez o bem.

VI

Que tua alma em preces arda
No fogo da devoção.
Deus é Pai que nunca tarda
No caminho da aflicção.
Nas mágoas do mundo, guarda
A fé do teu coração.

VII

Entre a fé e o fanatismo,
Muito espírito se engana:
A primeira ampara e irmana,
O segundo é o dogmatismo,
Goela aberta de um abismo
Na estrada da vida humana.

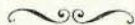
VIII

A Terra, para quem sente,
Inda é torre de Babel,
Onde a prática desmente
As ilusões do papel.
Muita boca sorridente,
Corações de lodo e fel.

IX

Suporta a dor que te cobre
Na estrada espinhosa e má,
Quem é rico, quem é nobre,
A essa estrada voltará.
E' uma ventura ser pobre,
Com a bênção que Deus nos dá.

Na vida sempre supus,
Sem muita filosofia,
Que, em prol do Reino da Luz,
Basta, na Terra sombria,
Que o homem siga a Jesus,
Que a mulher siga a Maria.



Bilhetes

BELMIRO BRAGA

Se tens o leve agasalho
Do santo calor da crença,
Exemplifica o trabalho
Sem cuidar da recompensa.

Não peças aprovação
Do mundo pobre e enganado,
Recorda que o mundo vão
E' grande necessitado.

Vais procurar a ventura?
Toma cuidado: os caminhos
São crivados de amargura,
Atapetados de espinhos.

Acalma-te na aflição,
Modera-te na alegria,
Não prendas o coração
Nos laços da fantasia.

No curso de aquisições,
Não vivas correndo a esmo;
Esquece as inquietações,
Toma posse de ti mesmo.

Recorda que tua vida
E' sempre uma grande escola;
Muita frente encanecida
E' frente de criança.

Não perguntes ao passado
Pela sombra, pela dor,
O caminho é ilimitado,
Eterna a fonte do amor.

Olha o monte luminoso,
Que símbolo sacrossanto!...
Quem desce é riso enganoso,
Quem sobe é suor e pranto.

Não te aflijas. A bonança
E' flor de sabedoria,
Não te esqueças que a esperança
E' a bênção de cada dia.

No impulso que te conduz,
Age sempre com bondade,
Todo esforço com Jesus
E' vida na eternidade.

Quadras

BELMIRO BRAGA

Ai de quem busca o deserto
De torturas da descrença:
Morrer é sentir de perto
A vida profunda e imensa.

Depois da miséria humana
Sobre a Terra transitória,
Lastimo quanto se engana
O ouro da falsa glória.

Dinheiro do mundo vão,
Mentiras da vaidade,
Não trazem ao coração
A luz da felicidade.

Bem pobre é a cabeça tonta
Dos perversos e usurários,
Que morrem fazendo conta
Nas cruzes de seus rosários.

E' ditosa no caminho,
Alegre como ninguém,
A mão terna do carinho
Que vive espalhando o bem.

Angústias, derrotas, danos,
Tudo isso tenho visto.
Só não vejo desenganos
Na estrada de Jesus-Cristo.

À Virgem



BITTENCOURT SAMPAIO

Sergipano, nascido na cidade de Laranjeiras, em 1º de Fevereiro de 1834, desencarnou no Rio de Janeiro em 10 de Outubro de 1895. Foi político ativo, deputado por sua província em duas legislaturas e Presidente do Espírito Santo. Diretor da Biblioteca Nacional e jornalista de mérito.

A fonte de onde respigamos estes dados, aponta *Poesias* (1859) e *Flores Silvestres* (1860), mas omite a maior das suas obras, que é *A Divina Epopeia*, ou seja o Evangelho de João, em magníficos versos brancos, tais como estes. Mas... é que Bittencourt Sampaio foi, no último quartel da vida terrena, um dos mais brilhantes e destemerosos paladinos da Revelação Espirita. E, como tal, ainda hoje se manifesta, por dar-nos obras como *Jesus perante a Cristandade*, verdadeiro poema em prosa. *Reformador*, de 1937 (pág. 494), publicou-lhe a biografia.

Vós sois no mundo a estrela da esperança,
A salvação dos naufragos da vida;
A custódia das almas sofredoras,
Consolação e paz dos desterrados